

IMAGEM: ELEMENTO DA REALIDADE A SERVIÇO DA GEOGRAFIA

Evelyn Monari Belo¹

INTRODUÇÃO

Atuando como orientadora de aprendizagem em empresas do município de Rio Claro – S.P., inicialmente através do convênio firmado entre UNESP-CIESP-Prefeitura Municipal de Rio Claro – S.P. e, posteriormente, em salas da rede pública estadual de ensino, a autora teve a possibilidade de ministrar aulas referentes a todas as disciplinas que constituem a grade curricular do ensino de nível médio por meio do Programa de Educação à Distância Telecurso 2000 (TC 2000).

Assim, foi identificada nas falas dos alunos uma certa resistência diante do uso das fitas VHS quando eram trabalhadas disciplinas que, além de exigirem maior atenção, não lhes agradavam e, portanto, não eram compreendidos. Um bom exemplo é a disciplina Matemática, através da qual a autora constatou tal aspecto. Porém, em contrapartida, a autora observou também a presença de uma situação diferente quando o trabalho envolveu a disciplina Geografia.

Observando imagens que ora apresentam belas paisagens, ora apresentam a miséria da dura realidade enfrentada por moradores de favelas, os telealunos aceitavam estas imagens e consideravam-nas parte de sua realidade. Em relação às outras disciplinas, não prevalecia tal fato.

Diante da reação dos alunos, foram iniciados os questionamentos que originaram esse estudo, onde destacamos a seguinte questão: *estaria a imagem a serviço do saber e da transmissão do conhecimento?*

Sem maiores reflexões, uma primeira resposta seria *sim*. Porém, constituindo um discurso político e, então, ideológico, as imagens não esgotam nesta primeira resposta as possibilidades de maiores dúvidas sobre seu poder de “sedução”.

O material pedagógico que constitui o Telecurso 2000 hoje tem como principal objetivo promover a aprendizagem, mas a ênfase maior é referente à emissão de certificados comprovadores do nível de escolaridade, pois os mesmos satisfazem a necessidade que as indústrias possuem em adequar seu quadro de funcionários aos

¹ UNESP – Instituto de Geociências e Ciências Exatas – Pós-graduação em Geografia – Mestranda, bolsista FAPESP.
evelynmonari@hotmail.com

padrões de qualidade do mercado consumidor. Se os operários não possuírem um nível mínimo de ensino “comprovado” com certificados emitidos por instituições reconhecidas oficial e legalmente, as empresas não serão consideradas aptas a se enquadrarem nos padrões exigidos.

Em outras palavras, é observada a implantação da proposta pedagógica do Telecurso 2000 como medida emergencial e paliativa. Neste sentido, mesmo representando um avanço nas propostas educacionais, esta metodologia deixa de suprir o que manifesta em seus objetivos: *atender a um grande número de indivíduos sem o conhecimento formal visando a formação do cidadão.*

Para formar um cidadão é necessário, sobretudo, que sua participação na vida e no mundo não seja apenas uma intenção, um fato registrado em formalidades legais e burocráticas. Em outras palavras, é necessário que sejam criadas e estabelecidas possibilidades de engajamento na vida em sociedade, fazendo da cidadania um fato real e concreto, e não uma utopia. Neste sentido, o ensino da Geografia muito tem a contribuir, pois permite tanto aos professores quanto aos alunos uma maior e melhor compreensão do mundo, onde a dinâmica do espaço geográfico assegura o longo alcance deste “ramo” do conhecimento científico.

É necessário ressaltar a busca de modelos norte-americanos de metodologias, pois o Telecurso 2000 tem suas origens nestas “propostas importadas”, denominadas como representantes da “teledidática”. A introdução da nova proposta no Brasil deu-se na década de 1970, dez anos após sua origem nos Estados Unidos.

Como tantas propostas, o Telecurso 2000 acaba se tornando inadequado à realidade do aluno brasileiro, pois, enquanto países considerados de Primeiro Mundo possuem escolas com melhor infra-estrutura que as nossas, o nosso “telealuno” – como é denominado o aluno do TC 2000 –, operário sem especialização, é submetido a algumas horas de estudo nas quais, muitas vezes, predomina o cansaço físico que compromete seu desempenho em atividades de caráter intelectual.

A necessidade de implementação de propostas como esta é um importante fator neste contexto, pois representa a possibilidade de erradicação do analfabetismo de adultos, que reflete um grande problema gerador de déficits incalculáveis no setor educacional de nosso país.

Interpretada como uma grande novidade, a “teledidática” apostou – e ainda é uma grande aposta – na possibilidade de atrair as pessoas mais velhas e/ou trabalhadores que não se integram no universo escolar, encorajando-os a destinarem um certo tempo à aprendizagem e/ou aquisição de novos conceitos. Neste sentido, a “proposta inovadora”

gera expectativas de melhoria para seu padrão de vida como uma decorrência da aquisição do saber e do conhecimento historicamente produzido.

Diante de tal situação, foi possível observar que a proximidade entre conceitos geográficos que constituem o conhecimento (re)produzido e (re)transmitido e as diferentes situações que se referem à vivência deste aluno é fator de destaque, e que assegura a relevância da função da imagem no processo de elaboração do saber.

Linguagem e imagem: interpretação e observação na construção da realidade

A interpretação do mundo onde vivemos implica, diretamente, nossa compreensão de imagens que decodificamos, primeiramente, através do sentido da visão. Entretanto, mesmo correspondendo à maior parte de informações que recebemos, as imagens também podem ser compreendidas na simbologia das letras e sinais gráficos que utilizamos em nossa escrita. Desta forma, interpretamos informações e apreendemos o conteúdo destas em nosso cotidiano, pois, tanto a linguagem apresentada em sua forma escrita como as imagens observadas nos permitem o (re)conhecimento de valores que nos constituem enquanto sujeitos. Temos, então, a presença da subjetividade em nossa realidade.

Assim, conforme Belo (2003, p. 182):

Enquanto a proposta pedagógica do TC 2000 significa a possibilidade de sucesso frente à oportunidade de alunos estarem inseridos no processo de escolarização, observa-se que a imagem quando compreendida e/ou interpretada como recurso audiovisual que constitui o material pedagógico analisado é ofuscada pela imagem que assegura a comercialização do mesmo produto. Neste sentido, estabelece-se a principal contradição presente na nova proposta, que deixa de ser inovadora para ser manipuladora.

Quando o aluno entra em contato com as disciplinas integrantes das ciências exatas, torna-se muito mais difícil convencê-lo de que é possível aprender, pois a abordagem dos temas nas aulas nem sempre lhe permite compreender uma aplicação prática em sua realidade. No tocante à disciplina Geografia, observamos que a imagem facilita esta condição pelo simples fato de o espaço geográfico ser fator de reconhecimento do mundo onde os mesmos alunos encontram-se.

Tais afirmações podem ser compreendidas como a constatação de situações que deveriam estar ausentes no contexto que envolve o TC 2000. Seria necessário que as

propostas inovadoras de ensino fossem não apenas adequadas mas, sobretudo, correspondentes às exigências expressas na realidade que envolve o aluno, valorizando sua condição de indivíduo ativo e participante na (re)construção do mundo independente de sua classe social, diretamente relacionada à sua condição sócio-econômica.

O mundo moderno nos apresenta como condição básica de desenvolvimento a sobreposição da urgência por obtenção de lucros às medidas de caráter institucional – como as propostas educacionais – refletidas na necessidade de crescimento dos países. Em suma, prevalece a necessidade de estabelecimento de fatores que devem conduzir os países mais pobres ao desenvolvimento econômico, seja ele correspondente ou não às reais necessidades enfrentadas pelos indivíduos em seu cotidiano.

Considerando que uma educação de base deve corresponder às expectativas que, nos diferentes países, têm o objetivo de suprir a necessidade e/ou desejo de atingirem alto grau de desenvolvimento, observamos que este fator, por sua vez, reforça a relação direta entre o atendimento do desejo de crescimento econômico e o prevalectimento de uso de recursos tecnológicos como sinônimos da modernidade.

É sob esta perspectiva que propostas pedagógicas como a que constitui o TC 2000 assumem o caráter de medida paliativa, capaz de, provisoriamente, “sanar” os grandes déficits expostos no setor educacional. Em outras palavras, tais medidas funcionam como procedimentos “aliviadores” de uma grande tensão presente no setor econômico e, conseqüentemente, nos demais segmentos sociais.

Retomando o foco de nossa pesquisa, assinalamos que a compreensão da realidade nos permite ir além do (re)conhecimento do mundo e, no contexto da disciplina Geografia, podemos considerar inquestionável a valorização da atuação de grupos sociais no espaço geográfico.

As imagens são “recebidas” pelos indivíduos. No entanto, vivemos em um mundo dinâmico e, assim, nossas ações são coletivas. Podemos compreender, então, que é esta coletividade o fator que assegura nossa possibilidade de aquisição do saber, pois é através dela que são estabelecidas as relações dinâmicas entre as pessoas. Retomando, então, as idéias de Belo (2003, p. 182, grifos do autor), “em suma, podemos afirmar que o *conhecimento do mundo requer o conhecimento geográfico*”.

As imagens e a linguagem escrita, então, traduzem a realidade e constituem o mundo.

Existem muitas peculiaridades pertinentes a esta metodologia. Se tomarmos como referência às afirmações anteriormente realizadas, temos a possibilidade de verificar que o livro didático acabou sofrendo certa “discriminação”, sendo, até mesmo, considerado

arcaico e/ou ultrapassado. Entretanto, com o passar do tempo, sua importância é novamente reconhecida. Tal condição faz com que tenhamos em mãos um material capaz de reafirmar sua presença, tornando-o, então, insubstituível. Sendo fundamental no processo de aquisição do saber, o livro – didático ou não – faz da linguagem escrita o principal elo entre o aluno e o conhecimento.

As imagens são observadas em todos os lugares e, nossa visão, é um dos elementos responsáveis pela receptividade que possuímos das mesmas. Entretanto, quando estamos em contato com textos escritos, também temos a possibilidade de representação por meio da elaboração de imagens: evocamos as mais diversas imagens quando nos dedicamos ao ato da leitura e, como muitas vezes dizemos, “viajamos” através da leitura. Em outras palavras, podemos afirmar que imaginamos através da leitura e, então, estamos novamente nos referindo às imagens que vêm e vão...

Ampliando limites e rompendo barreiras: as imagens e a realidade oriundas do conhecimento acumulado e registrado com o uso da linguagem escrita

Considerando que o trabalho desenvolvido com o Programa de Educação à Distância TC 2000 nos fornece subsídios para uma análise sobre a importância do uso e da interpretação de imagens, tal fato desencadeou nossa necessidade de buscar prováveis respostas a questões que expressam nossas reflexões.

Quando a autora iniciava seus questionamentos, teve a oportunidade de aprofundá-los na medida em que realizava seu Estágio em Especialização junto do Departamento de Geografia, IGCE, UNESP. Naquela etapa de seus estudos a questão central que se tornou o título da pesquisa realizada era “*A Imagem Educa?*”.

Atualmente, a autora desenvolve sua pesquisa em nível de mestrado no Programa de Pós-Graduação da mesma instituição, cujo título² nos permite identificar o aprofundamento do trabalho anterior: “*Imagem: para quê e para quem?*”.

Assim, é possível observar que nosso objeto de estudo é constituído pelas apostilas de Geografia, volumes 1 e 2, Ensino Médio do TC 2000 e pela obra literária “Os Sertões”, de Euclides da Cunha, cujos textos é que nos permitem o questionamento acima relacionado a partir de sua interpretação.

As imagens, nesta perspectiva, constituem o objeto de estudo mas não consideram as fitas VHS que complementam o material pedagógico do Telecurso 2000. Temos como objetivo identificá-las como um produto do ato da leitura que o aluno faz tanto dos textos das apostilas quanto da interpretação que pode vir a fazer das ricas “descrições

² Título do projeto de pesquisa, sujeito a alterações na elaboração da dissertação.

euclidianas”. Então, observamos que as apostilas de Geografia consideradas apresentam uma linguagem técnica e próxima do texto científico, que dificulta a compreensão do leitor. Por outro lado, a obra euclidiana é constituída por ricas descrições que nos permitem imaginar as cenas que resultam da interpretação realizada pelo leitor com maior facilidade, pois expressa uma escrita mais sedutora. Em poucas palavras, temos em mãos uma obra com caráter cinematográfico.

Então, observando a capacidade que Euclides da Cunha possui para relatar ao leitor a história de Canudos dando ao texto um sentido artístico-literário, é possível verificar que o leitor de seus escritos tem sua percepção instigada devido à riqueza dos significados das palavras empregadas valorizando a importância do (re)conhecimento do espaço geográfico. Já no tocante aos textos utilizados nas apostilas de Geografia do Telecurso 2000, é possível constatar que, em poucos parágrafos, temos inúmeros conceitos a serem explicados. Em outras palavras, a proposta de ensino supletivo resume, sobretudo, a possibilidade de questionamento e reflexão do indivíduo, pois acaba determinando sua dificuldade no tocante à compreensão do conhecimento.

Decorre destas características a importância da diferença entre os textos científico e literário para a interpretação do leitor.

Em nossa pesquisa, consideramos leitor o aluno do TC 2000, que pode ler tanto as apostilas de Geografia do TC 2000 como a obra literária “Os Sertões”.

Tomando como primeira referência à proposta pedagógica do TC 2000, é possível verificar que, caracterizada como ensino supletivo, seu material, constituído por apostilas e fitas VHS, utiliza a linguagem escrita com o objetivo de apresentar ao leitor o conhecimento considerado necessário em pouco tempo. Na medida em que procura atender às necessidades dos alunos “ganhando tempo”, o material do TC 2000 se torna contraditório e, até mesmo, insuficiente.

Sua contrariedade pode ser identificada quando verificamos que, entre seus objetivos, é apontada a formação do cidadão. Entretanto, as condições de aplicação da proposta pedagógica contribuem com a dificuldade de estabelecimento de questionamentos e reflexões por parte dos alunos. No que se refere à sua insuficiência, podemos tomá-la tanto como um reflexo desta contrariedade quanto como da necessidade que o Orientador de Aprendizagem possui em complementar o conteúdo com diferentes referenciais teóricos.

Neste sentido, o Orientador de Aprendizagem tem em mãos um texto “enxuto”, que não lhe oferece margens para reflexões e questionamentos, pois, sendo totalmente “direcionado”, não possibilita qualquer articulação com as situações vividas e/ou “experienciadas” pelo aluno. As “imagens” que são evocadas e/ou elaboradas a partir da

interpretação do texto, então, correspondem à ideologia e visões do mundo das classes dominantes. Neste sentido, expressam valores e idéias dos indivíduos que manipulam o poder econômico e cultural.

Espaço e tempo, nesta situação, deixam de ser conceitos geográficos e passam a constituir fatores que comprometem a eficácia da proposta pedagógica aqui considerada. Em um pequeno “espaço de tempo” o TC 2000 deve possibilitar o ensino de adultos e, conseqüentemente, erradicar altos índices de analfabetismo. Como seus objetivos acabam se resumindo neste atendimento emergencial às necessidades observadas, é possível verificarmos que o TC 2000, ao “afunilar” espaço e tempo, confirma sua condição de medida emergencial e paliativa.

Retomando a necessidade que o Orientador de Aprendizagem possui quanto à complementação de cada assunto a ser trabalhado nas aulas, para um melhor esclarecimento, podemos observar um fragmento do material do TC 2000 que nos permite constatar a dificuldade apontada:

[...] Hoje, na era da globalização – que expressa a idéia de uma economia globalizada –, o papel do Estado depende das relações entre conjuntos de Estados. Cada vez mais, existem grupos de Estados que se unem por interesses comuns, como os que integram a Comunidade Européia, o Nafta, o Mercosul.

(FUNDAÇÃO ROBERTO MARINHO, Geografia, vol.1, 1996, p. 38)

Como podemos observar, obtemos como resultado da interpretação das palavras a imagem de um mundo já estruturado, onde as expressões utilizadas são elementos encarregados de assegurar um discurso pautado na aceitação e na passividade do indivíduo. Esta passividade faz deste indivíduo um mero receptor de informações. Em suma, sem cumprirmos a função de prestar esclarecimentos, as palavras constituem textos que não “prejudicam” a interpretação daqueles que partilham de visões do mundo diferentes, nas quais não se admite a existência de uma sociedade cuja estrutura permita a transposição de classes sociais. É possível afirmar que a presença de questionamentos por parte dos alunos não é aceita. Temos como produto desta interpretação uma imagem repleta de subjetividade e impregnada pela ideologia correspondente às classes sociais que representam a elite, considerada superior tanto econômica quanto intelectualmente.

Por outro lado, a obra “Os Sertões” é possuidora de subjetividade e valores que configuram a ideologia de uma outra época. Entretanto, mesmo correspondendo a visões do mundo que não correspondem à realidade atual, ainda assim, seu texto se destaca diante de outros:

Esta justaposição histórica calca-se sobre três séculos. Mas é exata, completa, sem dobras. Imóvel o tempo sobre a rústica sociedade sertaneja, despeada do movimento geral da evolução humana, ela respira ainda na mesma atmosfera moral dos iluminados que encaçavam, doudos, o Miguelinho ou o Bandarra. Nem lhe falta, para completar a símile, o misticismo político do sebastianismo. Extinto em Portugal, ele persiste todo, hoje, de modo singularmente impressionador, nos sertões do Norte.

(CUNHA, 1984, p. 97)

A linguagem escrita que se manifesta nas obras literárias, em sentido amplo, nos possibilita conhecer o mundo a partir da interpretação de textos, como observamos no fragmento relacionado anteriormente. Muitas de nossas informações são obtidas quando estamos em contato com a leitura de textos que, por meio de belíssimas descrições, nos despertam para a aquisição do conhecimento. Como observamos neste fragmento de “Os Sertões”, as palavras utilizadas por Euclides da Cunha nos oferecem a possibilidade de visualizar “mentalmente” imagens da sociedade de sua época.

Se compararmos os fragmentos de textos que relacionamos neste trabalho, observaremos que há maior possibilidade de esclarecimento e compreensão na obra literária euclidiana. Porém, é importante salientar que os textos das apostilas do TC 2000 se tornam inadequados porque, entre outros aspectos, não correspondem à realidade do aluno.

Abordar temas relevantes como a economia globalizada implica a compreensão acerca de inúmeros fatores, pois estamos diante de um processo de transformação do qual fazemos parte e, sendo atores de um processo dinâmico e histórico, não temos a possibilidade de analisá-lo imediatamente. Neste contexto, tempo e espaço são variáveis que emergem com força e reafirmam a necessidade da boa preparação do aluno diante de informações.

Então, vivendo em um mundo dinâmico e repleto de relações entre as pessoas, podemos observar que se torna difícil para um simples operário, trabalhador braçal sem especialização, compreender de forma imediata, por exemplo, a atuação de grandes blocos comerciais.

Estes grandes blocos são apenas mencionados em teleaula referente ao tema, e não explicados. Mesmo vivendo e experimentando situações “turbulentas”, será que os alunos do Telecurso 2000 compreendem de forma rápida e “tranqüila” como estes blocos internacionais atuam e quais as implicações de suas ações em nossas vidas?

Para quê e para quem estas imagens são produzidas? Qual o verdadeiro valor, a verdadeira importância de tudo o que vemos, vivemos e acrescentamos ao nosso conhecimento?

Na medida em que observamos o fragmento literário selecionado de “Os Sertões”, também constatamos a ocorrência das transformações sociais, porém, mesmo empregando palavras e/ou expressões às quais não estamos “acostumados”, o autor consegue, com maestria, nos conduzir à localização do momento histórico que viveu. São as palavras e/ou expressões por ele empregadas que tornam sua escrita uma descrição bela e peculiar se comparada a outros escritores. Em suma, Euclides da Cunha pode ser considerado um verdadeiro “escritor de gênio”.

Sertanejo: a imagem do homem decorrente da interpretação de diferentes tipos de texto

A obra euclidiana “Os Sertões” pode ser compreendida a exemplo da Geografia tradicional, positivista. O autor organiza a estrutura de seu livro em três partes que são intituladas “A Terra”, “O Homem” e “A Luta”.

Para o desenvolvimento de nosso trabalho, tomamos como referencial o homem. O motivo da escolha foi à presença do homem sertanejo em ambos os materiais, porém, correspondente a épocas distintas.

Então, é observada a importância que Euclides da Cunha atribui à necessidade de buscar explicações para a gênese brasileira. Buscando esclarecimentos, o autor estabeleceu diferenças que são observadas quando analisamos os materiais que constituem o objeto de estudo desta pesquisa considerando aspectos físicos, tanto do meio ambiente como do próprio homem.

A partir desta questão, o autor tenta explicar a origem do mestiço, que denominara como um subproduto do cruzamento das três raças formadoras do “brasileiro”: índio (silvícola), negro(cafre) e português (branco).

Mais uma vez prevalece à subjetividade e, conseqüentemente, a ideologia se torna evidente.

Euclides da Cunha se mostra, por vezes, preconceituoso, considerando o sertanejo como alguém inferior. Porém, ao mesmo tempo em que o sertanejo é alvo de todo seu menosprezo, sendo considerado “subproduto”, é também valorizado e reconhecido quando é exaltado em virtude de sua coragem e força, no momento em que é capaz de “transfigurar-se” para defender seus ideais. Se por um lado o autor nos apresenta o mestiço como a própria degeneração da espécie humana, por outro, afirma que não há outro tipo

que resista tão bravamente a constantes oscilações, sejam elas decorrentes do meio ambiente como de sua própria realidade. Para confirmar a “transfiguração do sertanejo”, podemos apoiar nossas reflexões nas idéias de Cunha (1984, p. 81):

É o homem permanentemente fatigado.

Reflete a preguiça invencível, a atonia muscular perene, em tudo: na palavra remorada, no gesto contrafeito, no andar desaprumado, na cadência langrosa das modinhas, na tendência constante à imobilidade e à quietude.

Entretanto, toda esta aparência de cansaço ilude.

Nada é mais surpreendedor [...] do que vê-la desaparecer de improviso. Naquela organização combatida operam-se, em segundos, transmutações completas. Basta o aparecimento de qualquer incidente exigindo-lhe o desencadear das energias adormidas. O homem transfigura-se. Empertiga-se, estadeando novos relevos, novas linhas a estrutura e no gesto; e a cabeça firma-se-lhe, alta, sobre os ombros possantes, aclarada pelo olhar desassombrado e forte; e corrigem-se-lhe, prestes, numa descarga nervosa instantânea, todos os efeitos do relaxamento habitual dos órgãos; e da figura vulgar do tabaréu canhestro, reponta, inesperadamente, o aspecto dominador de um titã acobreado e potente, num desdobramento surpreendente de força e agilidade extraordinárias.

Diante de tais considerações, podemos afirmar que enquanto alunos são seduzidos pela beleza da descrição euclidiana, a objetividade dos textos que constituem o material pedagógico do Telecurso 2000 reduz seus esforços à sua superficialidade, limitando sua compreensão e ocultando a realidade. Em poucas palavras, suas características, próprias de um texto científico, impedem a verdadeira compreensão e interpretação do “aluno-leitor”, que é submetido à leitura de textos que transmitem informações que também manifestam preconceitos e/ou fatores de discriminação em suas entrelinhas. Na medida em que o “aluno-leitor” tem contato com os textos das apostilas de Geografia do TC 2000, percebe que sua condição de cidadão é menosprezada e, portanto, a discriminação referente à sua origem humilde, prevalece.

É fato que há grande expressividade na linguagem escrita tal como na oralidade. Quando falamos, expomos nossas idéias. Simultaneamente, estas idéias são impregnadas de sentimentos e, então, nossas vivências são transformadas: adquirem profundidade

mesmo quando são consideradas como difíceis e incompreensíveis pelo indivíduo, que não consegue imaginá-las da forma como realmente são constituídas.

Neste sentido, a imagem elaborada e/ou evocada pelo telealuno em contato com conteúdos da disciplina Geografia pode ser interpretada como simples e precária se comparada àquela que podemos elaborar e/ou evocar quando nos dedicamos à leitura da obra literária “Os Sertões”. Para confirmar tal condição, podemos observar os fragmentos abaixo relacionados:

[...] Abrindo aos exploradores duas entradas únicas, à nascente e à foz, levando os homens do Sul ao encontro dos homens do Norte, o grande rio erigia-se desde o princípio como feição de um unificador étnico, longo traço de união entre as sociedades que se não conheciam.

(CUNHA: 1984, p. 69)

Alguns povos têm conseguido impor o princípio de nacionalidade e, pouco a pouco, algumas nações lograram formar um Estado e agrupar-se nele. Mas, existem outros conflitos internos em seu território justamente por não exibirem caracteres que os identifiquem como uma unidade [...].

(FUNDAÇÃO ROBERTO MARINHO, Geografia, vol.2, 1996, p. 39)

Os exemplos acima relacionados nos permitem verificar que a linguagem escrita, quando empregada no texto literário, descritivo, se torna mais “agradável”. Tal condição nos oferece, também, a possibilidade de compreendermos ou buscarmos a compreensão de conceitos que, associados à figura do homem, integram o mundo.

No fragmento selecionado para representar tal aspecto na obra “Os Sertões”, a presença de elementos que caracterizam o maior ambiente bem como os homens que habitam o espaço geográfico é observada na excessiva adjetivação, característica que faz do texto euclidiano um marco literário. Esta característica assume extrema importância para que seja possível nossa compreensão acerca da beleza da descrição, que ultrapassa limites quando, utilizando palavras desconhecidas, o autor permite ao leitor mais leigo a aquisição do conhecimento e a elaboração de imagens que representam um “novo mundo” e constituem uma “nova realidade”, por ele desconhecida.

O fragmento de texto selecionado para representar as apostilas do TC 2000, por sua vez, não pode ser observado da mesma maneira que “Os Sertões”. São reconhecidos, em seu conteúdo, aspectos que indicam a presença humana, mas não são observados

aspectos físicos do meio ambiente. Mesmo assim, podemos pressupor que para “formar um Estado e agrupar-se nele”, o homem, na condição de leitor, compreende que os limites estabelecidos para definir território podem ser impostos por conquista ou mesmo determinados a partir da ocorrência de acidentes geográficos.

Distante da beleza presente na descrição literária, o texto científico – identificado nas apostilas do TC 2000 – faz do leitor mais leigo um mero receptor de conceitos e/ou informações. Sem seduzir o aluno, o texto científico se torna insuficiente, não oferecendo, assim, condições mínimas para que o aluno adquira conhecimento.

Neste sentido, podemos retomar o tema proposto neste trabalho: identificar as imagens que evocamos e/ou elaboramos a partir da interpretação de diferentes tipos de texto que trazem, em seu conteúdo, a figura do homem.

Como podemos interpretar estas imagens: são produtos da realidade ou são reproduzidas na realidade?

Na tentativa de esclarecimentos, devemos considerar a presença do sertanejo em ambos os materiais.

As imagens de homem que evocamos e/ou elaboramos a partir da leitura de diferentes tipos de texto refletem contextos e ideologias distintos e, assim, ressaltam a importância de visões do mundo.

A disciplina Geografia, devido à sua abrangência no tocante aos outros ramos do conhecimento, possibilita ao aluno o aprofundamento de questões e/ou conceitos que, em um primeiro momento, se apresentam como elementos de simples entendimento.

Neste sentido, as imagens que representam a figura do homem no texto científico considerado refletem um indivíduo que, mesmo sem uma boa preparação, não deveria apresentar dificuldades para compreender o mundo e as dinâmicas relações que dele fazem parte. Por outro lado, na obra literária o autor parte da imagem de um indivíduo derrotado, fracassado, para, ao final, compreendê-lo como um homem corajoso, audacioso e, sobretudo, vitorioso.

O homem sertanejo presente na obra de Euclides da Cunha reflete a imagem de alguém que enfrenta inúmeras adversidades para conseguir sobreviver. O homem sertanejo que representa o aluno do TC 2000 também. O Quadro 01, abaixo relacionado, nos permite uma melhor compreensão sobre este aspecto:

QUADRO 01:

Geografia: imagens do sertanejo representando realidades diferentes.

TEXTO DE REFERÊNCIA	IMAGEM DO SERTANEJO PRODUZIDA A PARTIR DA INTERPRETAÇÃO DE TEXTO
“OS SERTÕES”	Indivíduo que luta, em seu cotidiano, defendendo ideais. Sua vida é fundamentada na necessidade de combater inimigos que se manifestam na figura dos militares que, por sua vez, representam o poder.
APOSTILAS DE GEOGRAFIA (TC 2000)	Indivíduo que luta, em seu cotidiano, defendendo ideais. Sua vida é fundamentada na necessidade de combater inimigos que se manifestam nas dificuldades econômicas que impossibilitam uma sobrevivência digna.

Fonte: Cunha (1984), Fundação Roberto Marinho (1996); Org.: Belo, Evelyn Monari (2004).

Os aspectos apontados no Quadro 01 nos permitem considerações sobre a realidade dos sertanejos que são fundamentais na interpretação que realizamos a partir da leitura dos diferentes tipos de texto.

Primeiramente, podemos tomar como referência à palavra luta, utilizada para descrever tanto a situação do sertanejo de “Os Sertões” como do sertanejo que representa o aluno do TC 2000.

A palavra luta, em sentido amplo e imediato, remete nossa capacidade de imaginação às cenas que representam conflitos, combates. Entretanto, podemos observar que, ao ser empregada para descrever a realidade de sertanejos que correspondem a diferentes épocas, seu significado e sua interpretação também são diferentes.

Associando tais colocações com as idéias de Sevcenko (1983, p.124) sobre o questionamento de Euclides da Cunha na busca pela compreensão da gênese brasileira, podemos verificar a presença de valores e ideologias inerentes a uma determinada época como elementos que manifestam a presença de diferentes visões do mundo:

Ciência, raça e civilização constituíam pois, um sistema indefectível de crenças e valores que sustentavam o domínio europeu sobre o mundo até a I Guerra Mundial. Traduziam-se por uma forma típica de economia, sociedade e organização política, tidos como indiscutivelmente superiores.

As idéias acima relacionadas fundamentam nossa interpretação sobre a importância observada em épocas, momentos distintos.

Ao afirmar a presença do domínio europeu para sustentação de crenças e valores sobre o mundo até o período que compreendeu a I Guerra Mundial, o autor nos possibilita identificar que tal condição representa a consolidação de paradigmas correspondentes ao momento em questão. Então, certamente, não temos como analisar momentos mais atuais sob os mesmos parâmetros, pois o contexto histórico e social de

cada época corresponde a uma realidade e nos permite uma forma de interpretação que não pode ser utilizada como modelo, como paradigma para possíveis análises.

Em outras palavras, podemos afirmar que as imagens de sertanejos que observamos em materiais que representam diferentes visões do mundo possuem semelhanças e diferenças.

As semelhanças são observadas quando identificamos ambos, tanto o sertanejo de “Os Sertões” como o sertanejo das apostilas do TC 2000, como homens que lutam para vencer as dificuldades da vida. Por outro lado, observamos as diferenças quando nos permitimos identificar a presença destas “dificuldades da vida”, que são correspondentes não somente a épocas, mas, principalmente, a realidades diferentes.

Então, lembrando que o questionamento principal deste trabalho envolve pensarmos se *as imagens são produtos da realidade ou são reproduzidas na realidade*, podemos considerar que temos uma questão complexa e, por isso, sujeita a inúmeras interpretações.

Inicialmente, poderíamos afirmar que são produtos da realidade certos de que apenas o momento histórico é fator de interferência para a análise proposta. Porém, na medida em que observamos que o momento histórico é um dos elementos que determina a imagem que evocamos e/ou elaboramos na construção e/ou compreensão de nossa realidade, identificamos ideologias, crenças e valores que acabam ofuscando esta primeira representação.

Se reconsiderarmos a diferença entre os tipos de texto que selecionamos para a pesquisa desenvolvida, podemos compreender que uma primeira leitura dos materiais que constituem nosso objeto de estudo talvez implique, diretamente, na incapacidade do leitor diante da elaboração de conceitos.

Estes conceitos, além de propiciarem entendimento, se manifestam nas imagens que elaboramos e/ou evocamos mentalmente. Assim, tais imagens podem ou não traduzir, adequadamente, a realidade humana.

Conseqüentemente, a reação do homem diante dos fatos que integram sua(s) experiência(s) seria afetada por esta realidade. Então, quando tomamos como referência o texto literário, observamos que “não podemos esquecer-nos de que narrações e descrições são textos figurativos”, conforme Platão e Fiorin (1999, p.256).

Por serem textos figurativos, sua capacidade de seduzir o leitor possibilita que o mesmo ganhe conhecimento conforme amplia seu vocabulário. Simples interpretações de

palavras conduzem seu raciocínio e chegam a instigar sua curiosidade, oferecendo-lhe a possibilidade de aquisição do conhecimento.

Em contrapartida, os textos das apostilas do TC 2000 não podem ser considerados nesta mesma perspectiva. Caracteristicamente científicos, inibem o leitor mais leigo pelo simples fato de empregarem, em sua estrutura, palavras e/ou expressões técnicas, que não se constituem como fatores de integração entre ambos.

Observando tais aspectos, desconsideramos as imagens como meros produtos da realidade e passamos a considerá-las como elementos que são reproduzidos na realidade.

Tal afirmação nos permite, por sua vez, compreender as imagens como elementos de fundamental importância na compreensão que possuímos sobre o mundo.

Como interpretamos o mundo?

Interpretamos o mundo a partir de nossa vivência, de nossas experiências e, portanto, de nosso próprio conhecimento. Em suma, interpretamos o mundo a partir de imagens que constituem nossas vidas e que nos constituem enquanto homens.

Podemos, neste momento, considerar a palavra “poder” que utilizamos nas categorias analisadas e apresentadas no Quadro 01.

Também podemos considerar a palavra “poder” obtendo, ao menos, duas possibilidades de interpretação.

Uma primeira interpretação nos remete a identificar um poder manifestado na atuação efetiva dos militares que, em uma visão elitista, expressam a superioridade por meio de sua figura, vestida e ornamentada com fardas e condecorações. Esta figura intimida o sertanejo, que, neste momento, pode ser compreendido como o jagunço, o mestiço, ou mesmo o degenerado.

Além da manifestação da superioridade dos militares a partir da simbologia expressa em sua figura (vestimentas), os mesmos podem ser interpretados como superiores intelectuais, detentores de um conhecimento considerado formal, que inibe os sertanejo.

O sertanejo das apostilas do TC 2000, por sua vez, também é submetido a um poder, uma força imposta que inibe sua atuação diante da realidade. Submetido a situações onde deve obedecer a superiores, tem no seu emprego a fonte de recursos insuficientes para sua precária sobrevivência e, assim, a força imposta pelas dificuldades econômicas que enfrenta reflete, na figura de padrões e padrões de vida superiores aos seus, a intimidação diante das adversidades que constituem sua(s) experiência(s).

Então, se considerarmos a importância atribuída às imagens que elaboramos dos sertanejos considerados neste trabalho, para quê e para quem são produzidas as imagens que devem direcionar uma proposta pedagógica referente a um Programa de Ensino à Distância?

Seriam as imagens produzidas nas fitas VHS elementos responsáveis pela compreensão do mundo, elaboração do conhecimento e interpretação da realidade?

Esta não é uma questão complexa, cuja interpretação encerra as reflexões neste trabalho, mas não esgotam quaisquer possibilidades de questionamentos, pois, a exemplo do mundo, as imagens que evocamos e/ou elaboramos quando estamos em contato com textos que nos permitem o (re)conhecimento geográfico se encontram em constante transformação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho é referente a uma pesquisa que, mesmo não estando concluída, representa a possibilidade de análise de imagens na disciplina Geografia fora de contextos que envolvam, por exemplo, análise de regiões com o uso da cartografia ou de imagens de satélite.

Associamos a subjetividade e a ideologia presentes em seu contexto à subjetividade e à ideologia presentes no ensino da disciplina em questão.

Os materiais que constituem o objeto de estudo desta pesquisa são extremamente “ricos” em detalhes que nos permitem realizar comparações e, assim, temos a oportunidade de buscar elementos que, ao menos, tentem “comprovar” e reafirmar a importância de nossa interpretação a partir da diferença de textos. Além disso, é importante salientar o sentido da visão – já considerado quando desenvolvemos a pesquisa anterior citada neste artigo –, pois é fato que recebemos, aproximadamente, 80% de nossas informações através desse sentido.

Há um grande número de trabalhos realizados neste segmento, porém, geralmente, realizam abordagens que consideram outros focos de análise, principalmente no tocante a aspectos que facilitem ou não a ocorrência do processo de ensino-aprendizagem nas escolas, enfatizando o desenvolvimento cognitivo, por exemplo.

Neste trabalho, buscamos a comparação entre materiais diferentes sem a preocupação de buscar esclarecimentos em correntes teóricas pedagógicas ou psicológicas, pois pretendemos analisar as imagens e o sentido e significado que possuem – ou passam a possuir – quando decorrentes do ato da leitura dos diferentes tipos de texto – científico (TC 2000) e literário (Os Sertões) – e, conseqüentemente, de nossa interpretação.

Descartamos uma análise de correntes teóricas e valorizamos a atuação do homem no processo de (re)construção do espaço geográfico e também do conhecimento. Neste sentido, apostamos na possibilidade das transformações e também consideramos a importância das diferentes visões do mundo na dinâmica das relações.

Estando em contato com a literatura euclidiana e com as apostilas do Telecurso 2000, observamos que as imagens que produzimos e reproduzimos quando interpretamos a linguagem escrita correspondem a um determinado momento histórico e a uma determinada classe social.

É por este motivo que prosseguimos com nossa pesquisa, pois a complexa natureza humana reflete imagens que não esgotam questionamentos. Ao contrário, permitem nossa inserção em uma realidade dinâmica, em constante transformação.

REFERÊNCIAS

BELO, Evelyn Monari. A Imagem Educa? *OLAM – Ciência e Tecnologia* [arquivos de dados legíveis por máquina]. Rio Claro – S.P., v. 3, n. 1, p. 175-199, set.2003. ALEPH Engenharia e Consultoria Ambiental.

CUNHA, Euclides da. *Os Sertões: campanha de Canudos*. 32.^a edição. Rio de Janeiro: Francisco Alves Editora, 1984.

FUNDAÇÃO ROBERTO MARINHO. FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DE SÃO PAULO. *Geografia*, vol. 1. Rio de Janeiro: Ed. Globo, 1996.

FUNDAÇÃO ROBERTO MARINHO. FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DE SÃO PAULO. *Geografia*, vol. 2. Rio de Janeiro: Ed. Globo, 1996.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão*. Tensões sociais e criação cultural na Primeira República. São Paulo: Brasiliense, 1983.